

Gerações em Conflito: relações de gênero e de raça em *o morro dos ventos uivantes*

Generations in Conflict: gender and race relationships in
wuthering heights

Daise Lilian Fonseca Dias

Resumo: o objetivo deste trabalho é analisar sob as perspectivas feminista e póscolonial as relações de gênero e de raça no único romance da escritora inglesa Emily Brontë, *O morro dos ventos uivantes*. Essa obra subverte tais relações ao propor a ascensão do subalterno estrangeiro e apresentar uma possibilidade de revisão das relações de gênero, em favor das mulheres.

Palavras-chave: conflito, gênero, raça.

Abstract: this study resorts to the feminist and the post-colonial perspectives to analyze the gender and race relationships unfolded in “Wuthering Heights”, the only novel by the English writer Emily Brontë. The novel subverts such relationships by promoting the social rise of a foreigner subaltern and favoring women in a possible review of gender relationships.

Keywords: conflict, gender, race.

Daise Lilian Fonseca Dias é graduada em Letras/Língua Inglesa (UFRN). Mestre em Literaturas de Língua Inglesa (UFPB). Doutora em Literatura e Cultura (UFPB). Professora da Universidade Federal de Campo Grande(UFCG). Leciona as disciplinas Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa no Curso de Letras da UFCG, e Teoria do Texto Narrativo da Pós-Graduação. Tem orientado trabalhos na Pós-Graduação (UFCG) nas perspectivas feminista e pós-colonial.

E-mail: daiselilian@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Os costumes e as tradições de gerações, de diferentes povos, ao longo da história e de forma consistente, têm produzido regras rígidas e austeras para definição dos papéis e dos comportamentos pessoal, social e político de homens e mulheres, muitas vezes relegando os indivíduos ao desconforto de relacionamentos estereotipados entre os sexos. Em virtude disso, as relações de gênero têm se tornado cada vez mais debatidas tanto dentro quanto fora do texto literário.

No caso do único romance da escritora inglesa Emily Brontë (1818-48), *O morro dos ventos uivantes* (1847), é correto afirmar que a obra discute pontos importantes do discurso vitoriano, dentre eles, aspectos ligados à sociologia, antropologia e psicologia, discurso este que produziu, por exemplo, uma figura feminina genérica, um modelo idealizado, muitas vezes implícito, e específico de mulher de classe média inglesa que funcionava em oposição aos modelos considerados impróprios, tais como: prostitutas das classes baixas, mulheres *primitivas* da África ou da Ásia, por exemplo, e mulheres vítimas da loucura. Um dos pontos em comum entre elas é que estavam presas às leis do patriarcado.

As mulheres vitorianas eram subordinadas às normas específicas de classe e cultura - como é comum nas sociedades de modo geral - que permitia liberdade aos homens, mas o confinamento na esfera doméstica e, conseqüentemente, matrimonial a elas. No romance de Brontë, um estudo sobre as relações de gênero mostrará que a autora denuncia tanto as angústias femininas quanto propõe conquistas para as mulheres, e ainda discute a incapacidade de mulheres de se rebelar e lutar por seus direitos e desejos.

Gilbert e Gubar (1984) afirmam que há uma obsessão pela questão de gênero em *O morro dos ventos uivantes*. Envolvida pela

história do imperialismo britânico, Emily Brontë discute, em seu romance, a posição de quem pertence a uma das *raças escuras*, no caso o seu protagonista masculino, Heathcliff, como análoga à posição doméstica de confinamento das mulheres, uma vez que tanto o estrangeiro de pele escura quanto as mulheres compartilham opressão e limitações de raça e gênero, promovidas pelas ideologias patriarcais e imperialistas. Segundo Pyket (2003), Emily Brontë, por meio da metáfora racial, trabalha na obra a questão do descontentamento de gênero e de classe.

É importante considerar que *O morro dos ventos uivantes* foi escrito em um período de profundas transformações sociais, por exemplo, a grande fome e a revolução industrial. Embora Armstrong (2003) afirme que muitos críticos tenham dito que a sociedade da época não está retratada na narrativa de Brontë, não é difícil perceber como a escritora, de modo contundente, expõe, questiona e subverte aspectos daquela sociedade.

1. A Primeira Geração Masculina: ordem e respeito

O romance de Brontë trata do impacto que a chegada de um menino, supostamente cigano e estrangeiro, Heathcliff provocou no seio de uma família inglesa, os Earnshaw, e dos seus vizinhos, os Linton. Heathcliff, encontrado pelo Sr. Earnshaw nas ruas de Liverpool é levado para viver como filho na casa do benfeitor, local onde sofre, profundamente, com o preconceito racial e religioso. Com o convívio, ele se apaixona pela filha do *pai adotivo* e é correspondido. Contudo, Cathy o renega por ser pobre e pertencer a uma raça considerada inferior, por isso, casa-se com o vizinho rico, Edgar Linton, levando ao máximo as tensões raciais e de classe entre o jovem estrangeiro e as duas famílias inglesas. Posteriormente, Heathcliff se casa com Isabella Linton com o objetivo de apropriar-se, futuramente, da herança dela.

De acordo com Peterson (2003), Emily Brontë era menos explicitamente histórica nos seus romances do que sua irmã Charlotte, por exemplo, mas suas heroínas sofrem das mesmas limitações de gênero que afetavam as mulheres da sociedade inglesa da época retratada na narrativa, ou seja, o final do século XVIII, bem como as contemporâneas da publicação da obra. Leitores modernos podem se perguntar como a protagonista Cathy poderia casar com Edgar Linton motivada pela segurança financeira e pelo *status* social, uma vez que ela amava o cigano pobre e estrangeiro, Heathcliff. Vale ressaltar que no século dezenove as jovens eram pressionadas para conseguirem um casamento seguro, pois julgavam importante casarem-se *bem*, conseqüentemente, o amor idealizado – muitas vezes – sucumbia à razão do bem-estar econômico e a um futuro promissor.

Não foi de modo gratuito que Emily Brontë optou por iniciar a obra com uma data: 1801, período que, por si só, indica uma transição entre um século e outro, embora a ação registrada pelo narrador Lockwood e contada pela criada Nelly Dean tenha início cerca de trinta anos antes, ainda no século XVIII; a saga das famílias Earnshaw e Linton é evidenciada a partir da chegada de Heathcliff à propriedade dos Earnshaw: o Morro dos Ventos Uivantes. Portanto, são narrados os conflitos que envolvem três gerações de homens e mulheres das duas famílias, Earnshaw e Linton, e as transformações pelas quais passam.

Uma vez que as duas famílias retratadas no romance estão organizadas sob a lei do patriarcado, inicialmente será analisado como os homens se comportam nas relações entre si e com o sexo oposto. Pode-se dizer que os patriarcas da primeira geração, os Srs. Earnshaw e Linton, são os representantes da tradição inglesa patriarcal e imperialista, bem como de um mundo ordenado e organizado, sobretudo no contexto familiar. Ambos não passam por

crises, e são mostrados como os guardiões da família, da moral e da ordem.

Tanto o Sr. Earnshaw quanto o Sr. Linton, enquanto bons provedores e, aparentemente, bons maridos, são retratados no conforto de suas propriedades, na segurança de seus lares com suas esposas, filhos e criados, em espaços por eles controlados onde reina a ordem - patriarcal – e a decência, as quais vão sofrer alterações devido à chegada do pequeno cigano estrangeiro, encontrado nas ruas de Liverpool, pelo Sr. Earnshaw, e levado para ser criado junto com os filhos do benfeitor. Como o foco da narrativa está mais voltado para a segunda geração, especificamente para Cathy e Heathcliff, os membros da primeira geração são menos destacados na narrativa, embora tenham um papel fundamental: o de expor a mentalidade patriarcal e imperialista inglesa, no contexto que a obra enfoca.

O Sr. Earnshaw, por exemplo, surpreende a família e os vizinhos ao trazer para casa um garoto cigano estrangeiro, fato que alterou profundamente o destino dos filhos e dos vizinhos e, assim, dá início ao conflito no seio da família. A atitude do Sr. Earnshaw revela uma abertura no que se refere à tolerância entre raças, visto que ele não se apropria de Heathcliff para usá-lo como escravo ou como um criado em suas terras – todavia, a narrativa demonstra que ele não dispunha de dinheiro suficiente para comprar o pequeno cigano quando o encontrou.

O Sr. Earnshaw apresenta um nível de segurança para lidar com questões inter-raciais que o Sr. Linton não tem. O primeiro acolhe, dá uma *família* – embora não o sobrenome dela – a uma criança, de uma raça diferente da sua, encontrada perdida nas ruas de uma cidade que vendia escravos estrangeiros de todas as idades. O segundo se enfurece apenas ao contemplar o rosto dessa criança, ao percebê-la como sendo de uma raça escura.

Interpretando a ação do Sr. Earnshaw como generosa, pode-se dizer que sente compaixão pelo garoto, embora seu discurso mostre que, em sentido negativo, vê Heathcliff como o “outro” racial, ou seja, ao se referir ao pequeno cigano o vincula ao estereótipo *demonização* – referência comumente aplicada por europeus a figuras coloniais de raças escuras, segundo Loomba (1998). O olhar colonial do Sr. Earnshaw está posto nas palavras que emprega ao apresentar Heathcliff à própria família: “[...] veja, minha velha [...] é preciso que você aceite esta minha carga como um presente de Deus, embora esteja tão preta como se houvesse acabado de sair da casa do diabo [...]” (BRONTË, 1971, p. 40).

2. A Segunda Geração Masculina: caos e decadência

A segunda geração dos Earnshaw e dos Linton sofre com um mundo em transformação. Fatores externos de ordem política e econômica estão no caminho de Hindley e de Edgar, principalmente o fator social relacionado à presença de um estrangeiro em suas famílias, o qual simboliza as transformações nas demais áreas de suas vidas, inclusive a emocional, uma vez que as mulheres que os cercam, de uma maneira ou de outra, sofrem as consequências da chegada de Heathcliff. Os herdeiros das duas famílias, Hindley e Edgar, apesar das tentativas, são impotentes diante do estrangeiro que cresceu junto com eles, que não tem recursos financeiros, nem a educação que eles tiveram, contudo é mais viril e, principalmente, é mais forte psicologicamente do que eles. Este fato é um exemplo de que o *selvagem* Heathcliff, - conforme o veem os dois jovens herdeiros - prova ser superior em relação a eles, os *civilizados*. A ambos Heathcliff derrota em esferas importantes: a econômica (toma posse de forma legítima dos bens deles) e a afetiva (tem o afeto do Sr. Earnshaw, de Cathy, de Isabella e de Hareton).

Hindley e Edgar são homens que se deparam com conflitos pessoais, seja consigo mesmos – por se verem impotentes diante de Heathcliff e do poder assertivo de mulheres que os cercam – seja com o mundo à volta, uma vez que não têm a mesma habilidade de seus pais para lidar com os desdobramentos da chegada do estrangeiro em suas vidas. Tanto Hindley quanto Edgar não têm o mesmo poder emocional e prático de Heathcliff: nem para conduzir os negócios da família, nem as próprias vidas, nem para guiar a família - nos moldes antigos e tradicionais - que a eles coube cuidar após a morte dos patriarcas.

Edgar dá prosseguimento, sem grandes problemas, aos negócios do pai, no entanto, se esconde por trás de capangas quando em perigo, como na cena da cozinha quando enfrenta Heathcliff, sem êxito:

Heathcliff mediu a altura e a largura do interlocutor com um olhar cheio de desdém. – Cathy, esse teu cordeirinho faz ameaças como se fosse um touro – disse ele. – Ele corre o risco de ter a cabeça arreventada pelos meus punhos. Por Deus! Sr. Linton, causa-me desespero ver que o senhor não é digno nem de que eu o jogue no chão! Meu patrão olhou para o corredor e me fez sinal para ir chamar os homens. Não era sua intenção aventurar-se a uma luta pessoal. Obedeci à sua ordem, mas a Sra. Linton [Cathy], suspeitando alguma coisa, seguiu-me e, quando eu tentava chamar os empregados, empurrou-me e fechou violentamente a porta e deu a volta à chave. – Belos processos! – disse ela, em resposta ao colérico olhar de seu marido. – Se não tens coragem de atacá-lo, pede-lhe desculpas ou reconhece-te derrotado. Isto te corrigirá da vontade de fingir ter mais valor do que possuis [...] o senhor Edgar foi tomado de um tremor nervoso e seu rosto se tornou mortalmente pálido [...] apoiou-se no espaldar de uma cadeira e cobriu o rosto [a narrativa sugere que para chorar de vergonha e humilhação] (BRONTË, 1971, p. 112 e 113).

Segundo Said (1994) e Boehmer (2005), era comum no ponto de vista imperialista a exaltação da virilidade do homem europeu

em oposição aquela do “outro” racial, muitas vezes representado como afeminado e subserviente. Embora houvesse também uma tendência a representar o homem de pele escura como viril – em um sentido negativo – como estuprador em potencial, segundo Loomba (1998). Contudo, a cena referida mostra que Heathcliff retribui a Edgar o olhar colonial recebido naquela mesma casa na infância. Ele desqualifica o oponente e tem sua virilidade assegurada, ao passo que a fragilidade de Edgar é ressaltada, assim como sua incapacidade para lidar com conflitos, proteger a própria honra, a família e a propriedade.

No caso da incapacidade de Hindley para conduzir a família, foi necessária uma intervenção do Sr. Linton, como relata Nelly ao narrador Lockwood: “O Sr. Linton [...] deu ao nosso jovem patrão tal lição a respeito da maneira de dirigir sua família, que ele resolveu prestar mais atenção aos seus deveres” (BRONTË, 1971, p. 54). A atitude do Sr. Linton é típica da antiga geração vindo em socorro da nova, embora sem sucesso. Ao longo da narrativa, há referências por parte de diversos personagens quanto a Hindley conduzir erradamente a família e os negócios. A incapacidade dele para se posicionar, adequadamente, naqueles espaços onde deveria ganhar o respeito dos seus futuros liderados pode ser vista ainda na adolescência.

Hindley, apesar de durante um certo tempo gozar de plena realização no casamento feliz e sexualmente satisfatório - há referências veladas sobre contatos físicos entre ele e sua esposa, comumente perto do fogo, o que perturba a jovem Cathy – degrada-se ao perder a esposa, única pessoa por quem demonstra afeto, e passa a ter problemas com os negócios. Ele se entrega ao jogo e perde para Heathcliff a propriedade que, há séculos, pertencia à família. Edgar também encontra satisfação no casamento, pelo menos durante o período de ausência de Heathcliff.

3. A Subversão da Representação do “Eu” e do “Outro”

Entretanto, é Heathcliff, após retornar de local não especificado na narrativa, quem vai ter a força necessária para assumir o papel que Hindley e Edgar não cumpriram apropriadamente: gerenciar bem os negócios, ser próspero, controlar os que o rodeiam – inclusive as mulheres – e impor respeito e/ou medo. Nesse sentido, a narrativa, portanto, subverte a má representação do homem de raça considerada inferior também no que se refere à questão da capacidade intelectual. Said (1994) e Boehmer (2005) mostram que o homem não europeu era considerado como pessoa de mente selvagem, ou seja, não civilizado, de modo que seu suposto primitivismo era sinal de inferioridade, inclusive intelectual, o que o credenciava à incapacidade para governar a si mesmo, à própria terra e recursos, precisando, assim, da figura do europeu para governá-lo.

A questão é que a narrativa de Brontë retrata homens ingleses como incapazes de manterem a ordem nas suas propriedades, bem como nas relações interpessoais. Eles são fracos e não têm a virilidade característica de Heathcliff. Um exemplo disso é que Edgar e Linton Heathcliff (o filho de Heathcliff) são caracterizados, física e emocionalmente, com qualidades que o senso comum julgava depreciativas por serem semelhantes à postura esperada de uma mulher à época: ambos choram quando contrariados, são suscetíveis a doenças e a longos períodos de convalescência.

Homens ingleses, Hindley, Edgar, Linton Heathcliff e Hareton, esses dois últimos da terceira geração, são retratados como representantes incapazes da elite agrária decadente. Hareton, assim como seu pai, Hindley, é desinteressado e desqualificado para os negócios. Todos esses homens são evidenciados opostamente a Heathcliff: o homem de outra cultura que quer vencer, não importando as motivações nem os meios para atingir os objetivos.

Os homens da segunda geração veem-se, inclusive, sem o controle das mulheres que o cercam. Edgar não controla a irmã que envergonha a família ao fugir com Heathcliff, seu grande rival desde a adolescência, e depois o abandona. Além disso, ele sabe que nunca teve o afeto da esposa no nível desejado, pois ela dedicou esse amor ao cigano estrangeiro. Edgar também não foi capaz de controlar o desejo de liberdade da filha Catherine.

Nelly comenta, por ocasião da morte de Cathy ao nascer a filha, que a dor de Edgar “[...] aumentou ainda, creio eu, pelo fato de ficar sem herdeiro” (BRONTË, 1971, p. 157). O resultado seria sua herança ir para as mãos do futuro marido da pequena Catherine e, assim, não seria controlada por um membro da própria família. No futuro, Edgar perderia também a única filha que se casaria com o filho do seu desafeto, Heathcliff. Já Hindley tem um breve, porém harmônico casamento com a angelical Francis, mas não se importa completamente com o que acontece à própria irmã porque seu foco passa a ser a satisfação emocional após o casamento e a continuidade da degradação de Heathcliff.

4. A Terceira Geração: (des)preparo e (des)equilíbrio

A terceira geração de homens, composta por Linton Heathcliff, filho de Heathcliff, e por Hareton, filho de Hindley, em geral, apresenta-se cada vez mais perdida pela falta de preparo emocional, físico e intelectual, além da incapacidade para gerir suas vidas, os negócios da família e interagir com a mulher da geração deles, Catherine, especialmente no que se refere à educação formal que falta ao jovem Hareton. Em seus primeiros contatos, Catherine sente-se insultada por ter um primo tão rude e que não sabe ler. Após ter sido humilhado por ela pelo fato de não saber ler, Hareton busca impressioná-la, embora sem sucesso, conforme a jovem relata a Nelly:

Srta. Catarina! Já posso ler aquilo! – Admirável – exclamei. – Rogo-lhe que me faça ver como se tornou tão hábil. Ele soletrou e pronunciou devagarinho sílaba por sílaba o nome Hareton Earnshaw. – E os números? – perguntei-lhe [...] Não posso lê-los ainda. – Oh! Que ignorante! – disse eu rindo, efusivamente, com seu fracasso (BRONTË, 1971, p. 232-233).

Entretanto, Catherine, em sua ingenuidade é, inicialmente, manipulada por Heathcliff para casar-se com o filho dele, Linton. E desse modo, a herança passaria às mãos do sogro. Contudo, é justamente ela quem vai assumir o controle das propriedades por meio dos conhecimentos que tem, uma vez que falta ao futuro marido, Hareton, estudo, confiança e motivação para gerenciar os bens de ambos. Com a morte de Heathcliff, ela é quem recebe os pagamentos e passa a assumir o controle dos negócios. É ela, enquanto representante da cultura nos moldes ingleses - sempre cercada por livros - quem ensina Hareton a ler e a escrever. Para Peterson (2003, p. 10, tradução nossa):

[...] a educação de Hareton [...] tem tanto um impacto positivo quanto negativo: ele aprende as habilidades mental e social necessárias para casar-se com Catherine e viver uma vida civilizada em Thrushcross Grange, mas como muitos críticos têm apontado, Hareton também perde poder – incluindo o poder masculino sexual - ao submeter-se à forma convencional de educação do século dezenove.

Percebe-se que Catherine passa a funcionar como uma espécie de tutora para Hareton, de modo que as relações de gênero parecem se (des)equilibrar na geração subsequente à morte de Heathcliff e de seus opressores. Uma das características do amor de Catherine e Hareton é que ele envolve crescimento e mudança. Inicialmente, Hareton parece ser um irremediável bruto, selvagem e iletrado que colabora com Heathcliff atraindo Catherine para uma armadilha em *O Morro dos Ventos Uivantes*, onde ela será tanto forçada a casar-se com o filho de Heathcliff, Linton Heathcliff, quanto aprisionada em uma

estrutura matrimonial insatisfatória. Mas, com o passar do tempo, ele se torna um amigo leal para a jovem e aprende a ler. Quando ambos se encontram pela primeira vez, ele parece estranho ao mundo dela, ainda assim, as atitudes de ambos mudam do desprezo para o amor, pela compreensão dela em relação à humildade dele, ao mesmo tempo em que Hareton reconhece a necessidade da ajuda de Catherine para poder mudar e progredir.

Linton Heathcliff, o primeiro marido de Catherine, é o homem mais fraco de todos. O comportamento dele retrata o que se esperava da postura das mulheres de sua época, até mais do que o seu tio Edgar: melindres, dependência em todos os níveis, chantagem emocional para conseguir o que deseja, doença. Um comentário irônico de Joseph ilustra a fragilidade do jovem filho de Heathcliff, desqualificando-o em sua virilidade: “Com certeza [...] ele [Edgar] enganou, meu patrão, mandando-lhe sua *filha* em lugar do rapaz” (BRONTË, 1971, p. 195; grifo nosso).

O filho de Heathcliff não tem qualquer respeito pelas mulheres que o cercam. Para ele, elas são meros objetos que devem estar à sua disposição para fazer suas vontades fúteis. Ele, como bom representante da classe abastada, cercado de livros e de saber, humilha os que considera inferiores, sobretudo Hareton, conforme ilustra o diálogo entre ele, Catherine, e Hareton:

[...] Catarina perguntava a seu pouco sociável companheiro o que significava aquela inscrição por cima da porta [...] - Não sei lê-las.
- Não sabe lê-las? – exclamou Catarina [...] Linton escarneceu [...]
- Ele não sabe ler – disse ele à sua prima. – Poderia você imaginar que houvesse asno maior? (BRONTË, 1971, p. 207).

Percebe-se, ao longo da narrativa, que há uma crítica ao ócio das classes abastadas, sendo ele retratado como algo que enfraquece os homens, pois aqueles que estão mais em contato com a natureza e usam o próprio corpo para dela extrair seu sustento – assim como Hareton e Heathcliff, mesmo após tornarem-se ricos e não

precisarem mais trabalhar na agricultura – eles mantêm a virilidade e a força sexual que lhes são características.

5. As Matriarcas: silêncio e conformação

Brontë retrata também três gerações de mulheres que sofrem as demandas da sociedade patriarcal e imperial, que lhes impõe cobranças diferentes das apresentadas aos homens. A primeira geração apresenta as Sras. Earnshaw e Linton, mulheres – assim como seus maridos – sem nomes revelados (exceto a Sra. Linton que se chama Mary), uma vez que são símbolos das figuras maternas e paternas, esposas e maridos. Elas são conhecidas pelo sobrenome dos maridos. As duas senhoras quase não falam ao longo da narrativa; quando o fazem, é para expressar o preconceito contra o estrangeiro Heathcliff: “Em todo o caso, um mau rapaz – notou a velha [a Sra. Linton ao ver Heathcliff pela primeira vez] -, completamente impróprio de uma casa decente” (BRONTË, 1971, p. 53).

O comportamento da Sra. Linton é semelhante ao da Sra. Earnshaw, a qual desejou colocar Heathcliff de porta a fora quando o viu pela primeira vez. Ambas são típicas mulheres de classe abastada setecentista cujas famílias estão em ordem nos aspectos emocional, financeiro e, principalmente, moral – pelo menos enquanto elas e seus maridos estão vivos, – tanto no aspecto emocional quanto financeiro, principalmente no aspecto moral. Elas não têm demandas afetivas reveladas. É curioso que elas são as únicas mulheres que têm filhos e ficam vivas por muito tempo, com exceção de Isabella, que morre dez anos após nascer o filho de Heathcliff. As Sras. Earnshaw e Linton não têm destaque na narrativa, assim como as demais mulheres após darem à luz: Isabella é brevemente mencionada depois do nascimento do seu filho e morre na obscuridade, já Cathy não perde a importância, mas morre logo após o nascimento da filha.

6. As Angustiadas: entre o eu a sociedade

Uma mulher da segunda geração é Nelly Dean. Ela trabalha, não porque o trabalho representa liberdade ou independência, mas porque precisa de se manter, enquanto membro da classe social inferior. Mesmo assim, ela é presa ao trabalho doméstico e confinada a essa esfera como as Sras. Earnshaw e Linton. É uma espécie de escrava branca, mas goza de certas liberdades, por viver com as duas famílias desde a infância. Além de conselheira e confidente da maioria dos personagens, ela funciona como uma figura materna para Cathy, Heathcliff e as crianças da geração seguinte. Em um romance marcado pela ausência das figuras maternas (WION, 2003) – as quais morrem ao dar à luz – Nelly assume o papel de mãe: ela nutre, cuida, orienta, canta canções de ninar e expressa a fantasia dos cuidados contínuos da mãe para com os filhos.

Já Cathy, segundo Wanderley (1996, p. 101), possui “[...] uma espécie de selvageria que não é, aliás, privilégio apenas seu, mas de muitas personagens desse livro, meio enlouquecidas por paixões tão poderosas quanto primitivas”. Wanderley afirma que Cathy “[...] exprime um comportamento desviante em relação a suas conterrâneas e contemporâneas.” O comentário de Nelly sobre a jovem reforça tal compreensão: “Tinha modos que nunca vi em outras meninas. Fazia a gente perder as estribeiras umas cinquenta vezes e até mais por dia [...] Estava sempre em ebulição, a língua sempre em movimento” (BRONTË, 1971, p. 46).

A criada registra, ainda, que Cathy parecia permitir-se tamanha licença no agir que pouco acreditava na qualidade dos princípios da jovem. De fato, os princípios convencionais da sociedade inglesa não são de modo predominante os que guiam “[...] seus atos românticos e impulsivos que não correspondem às expectativas de comportamento feminino da época”, como destaca Wanderley (1996, p. 110). Além disso, Cathy decide casar

com Edgar para dar apoio financeiro a Heathcliff, mas após o casamento, diante do marido, não tem escrúpulos ao externar sentimentos amorosos pelo cigano, “[...] ao contrário, manipula os dois homens como se fossem fantoches de um triângulo amoroso do qual ela é o vértice” (p. 110).

Diferentemente de Cathy, Isabella é uma personagem que encarna a sutileza de Brontë ao questionar a ordem da sociedade patriarcal no universo ficcional. Por um lado, ela é uma figura que denuncia os limites impostos pela sociedade patriarcal inglesa à mulher, sendo mencionada, inicialmente, como uma jovem inocente. Heathcliff, na condição de marido, humilha-a utilizando o argumento da leitura de romances:

Ela abandonou tudo isso [gentilezas, conforto, amigos, familiares e a sua antiga casa] por causa duma ilusão – respondeu ele. – Imaginou-me um herói de romances e esperava indulgências ilimitadas de meu cavalheiresco devotamento. Mal consigo ver nela uma criatura dotada de razão, tão obstinada se mostrou em formar de meu caráter uma ideia fabulosa [...] (BRONTË, 1971, p. 145).

O suposto fato de ler romances levaria Isabella a agir por impulso, ou seja, a fala de Heathcliff reforça a crença de que esse gênero literário, considerado inferior e próprio ao feminino, envenena a mente das mulheres, fere a moral e, conseqüentemente, a família GILBERT e GUBAR, 1984). O suposto resultado das ideias adquiridas em suas leituras seria a degradação e a morte, de modo que não há detalhamento sobre a vida da jovem quando se ausenta definitivamente de O Morro dos Ventos Uivantes e de Thrushcross Grange e vai para Londres.

A morte de Isabella ocorre no seu *exílio* em Londres, e pode ser vista como uma crítica à punição social para quem ousava seguir a emoção e não a razão estabelecida pelos *termos paternos*. Contudo, pode-se observar que Isabella é a mulher passiva que, ingenuamente,

idealiza o amor em Heathcliff. Ela busca satisfação emocional sem medir as consequências, ao fugir com ele e casar-se. Porém, amadurece ao deparar-se com a realidade e rompe com as aparências, ao deixar o marido e um casamento infeliz. De mulher símbolo da passividade da segunda geração, ela se torna uma mulher ativa e transgressora ao abandonar o marido, grávida. A busca de Isabella é tipicamente romântica pela satisfação emocional, mas também busca a liberdade do julgo do patriarcado, algo que a heroína Cathy não foi capaz de fazer porque colocou a tão recomendada razão em primeiro lugar.

7. A Assertiva: superproteção e encarceramento

A terceira geração é marcada por Catherine, a mulher que controla o homem. Os desdobramentos da história de Catherine e Hareton representam propostas de mudanças para a sociedade: a ascensão da mulher pelo saber, e a *queda* da figura masculina, do provedor, na sociedade patriarcal. De língua afiada, Catherine une-se a Hareton. Como ele havia sido degradado por Heathcliff, tenta, sem sucesso, abrir os olhos do jovem para o mal que Heathcliff lhe fez. Em uma discussão com o sogro, que a havia proibido de fazer um jardim, não permitindo a Catherine nem ter nem controlar uns poucos metros da terra, Catherine desabafa, como relata Nelly a Lockwood:

O senhor não deveria resmungar por causa de alguns metros de terra que quero enfeitar, quando a mim tomou todas as terras que eu possuía [...] E meu dinheiro! – continuou ela [...] E as terras de Hareton e o dinheiro dele [...] Hareton e eu somos amigos agora. Hei de esclarecê-lo a seu respeito (BRONTË, 1971, p. 297).

Catherine questiona o sogro tirano e mostra um espírito desafiador ao reivindicar tanto o dinheiro quanto as terras que são dela e de Hareton. Ao se tornarem aliados, inicialmente, os amantes

da terceira geração, despossuídos e sem poder - exceto o da palavra, no caso dela - evitam a destruição e os erros da primeira geração, dentre esses erros está a estratégia de casamentos por interesse. O relacionamento dos dois desenvolve-se sob a aprovação da mãe substituta de ambos, Nelly Dean.

Há um aspecto de relativa semelhança entre a condição de Isabella e a de Catherine. A história de Isabella mostra o destino feminino envolvendo graus e variedades de aprisionamento, uma vez que Isabella foge do confinamento da sua vida de refinamento em Thrushcross Grange, – embora ela, aparentemente, não tenha consciência de que vivia presa em uma estrutura social controladora - sem ter noção de que viveria um encarceramento doméstico brutal em *O Morro dos Ventos Uivantes*, um espaço marcado pela violência doméstica. No caso de Catherine, inconscientemente, ela se exaspera em relação aos acontecimentos da vida de uma jovem integrante da classe média alta e do ambiente de superproteção que é a casa paterna. A Catherine que Lockwood observa no início da narrativa é, efetivamente, uma prisioneira, inicialmente, limitada pelo terror que Heathcliff impõe e pelas leis matrimoniais contemporâneas, acrescida do poder econômico do sogro.

Ao mudar de papel, de filha dependente para esposa, Catherine não é mais propriedade legal do pai, mas do marido. Quando se torna viúva e órfã, ela passa ao controle legal do sogro, Heathcliff. Quando Lockwood, desconhecendo o que se passava com a jovem, pergunta se Hareton é o “[...] dono desta fada benfazeja”, Heathcliff responde que “Nenhum de nós dois é o privilegiado *senhor* de sua boa fada” (BRONTË, 1971, p. 19; grifos nossos). Essa resposta vai direto ao ponto da questão, uma vez que legalmente Catherine, de fato, é uma das possessões do sogro.

Percebe-se que os vários tipos de aprisionamento que tomam formas sociais, emocionais, financeiras, legais e físicas impostos pelos homens às mulheres e à Heathcliff são denunciados na obra.

Um exemplo dessa prática está no fato de que o Sr. Earnshaw espera que Cathy se comporte adequadamente e, de maneira amarga, rejeita seu comportamento de “menina má”: “Por que não podes ser sempre uma boa menina, Cathy? [...] Por que não podes ser sempre um papai bonzinho?” [respondeu ela] (BRONTË, 1971, p. 47).

Além disso, o ultimato de Edgar sobre Cathy escolher ele ou Heathcliff é uma imposição que a obriga a *rejeitar* uma parte essencial de sua natureza, a necessidade de liberdade. Outro exemplo diz respeito a Catherine. Em razão de um amor paterno egoísta, Edgar, por vários anos, confina a filha aos limites de Thrushcross Grange, isolando-a das pessoas e do mundo exterior à propriedade onde viviam. No caso de Heathcliff, Hindley o destitui de sua posição na família, após a morte do pai, encarcerando-o em uma condição degradante. Heathcliff, por sua vez, literalmente encarcera Isabella (enquanto seu marido e tutor legal) e, posteriormente, aprisiona Catherine – e Nelly – e a isola dos demais habitantes de Thrushcross Grange após casá-la com seu filho.

CONCLUSÃO

Nessa perspectiva, observa-se que Brontë utiliza aspectos do gótico (o confinamento e as relações inter-raciais) para explorar pontos em comum relacionados à vida das mulheres e do homem de raça escura. A obra trata do poder e da falta de poder de ambos; do confinamento de homens e mulheres no espaço doméstico (enquanto ambiente familiar e enquanto ambiente metropolitano); do papel de homens e mulheres na família e na sociedade; de como eles são regulados pelo casamento e por leis que não foram feitas por eles, e alterá-las naquele ponto da história, estava além do poder deles.

Entretanto, pelo comportamento assertivo de Catherine e de Heathcliff, a obra sugere que aqueles dois grupos (o homem de raça considerada inferior e as mulheres) não se permitiram mais serem vítimas da autoridade patriarcal e imperial, por meio da ascensão do subalterno e da autoridade feminina. Catherine, por exemplo, trabalha literalmente – o jardim é um exemplo disso – para colocar ordem na casa, criando um ambiente doméstico saudável, como alternativa à injustiça. A obra resiste às ideologias que haviam ligado as mulheres da classe média e o homem de raça escura à falta de poder e a um destino que lhes era imposto, o qual os havia limitado nas realizações pessoais. *O morro dos ventos uivantes* trabalha, portanto, em direção a uma redistribuição de poder e riqueza, e do fim da opressão imposta aos dois grupos marginalizados: as mulheres e o estrangeiro de pele escura.

Catherine, que havia sofrido pela falta de poder imposta a ela pelo patriarcado, pelas estruturas familiares e pela visão dominante em relação ao que se esperava das mulheres, aprende a usar suas habilidades para contornar isso. O conhecimento formal adquirido nos livros – por meio do acesso livre à biblioteca do pai – e seu comportamento assertivo conferem-lhe autoridade e coragem para enfrentar Heathcliff por intermédio de uma guerra sagaz de palavras. Além disso, ela concede poder a Hareton ao ajudá-lo a aprender a ler, transformando-o em um *civilizado*, que poderá lutar pelos seus direitos legais – o fato de *civilizar* Hareton é uma variante de algo encontrado ocasionalmente na ficção inglesa dos séculos XVIII e XIX, na qual um personagem masculino oferece, dentre outras coisas, progresso a uma mulher, ao ensinar-lhe a ler.

Muitos críticos têm notado, dentre eles Wion (2003), que na segunda parte de *O morro dos ventos uivantes*, os personagens da terceira geração revivem, embora com diferenças significativas, o padrão de relacionamentos da geração anterior, da primeira parte do romance. Um exemplo disso é que o casamento de Catherine com

Linton Heathcliff passa a ser uma espécie de paralelo do casamento de Cathy e Edgar. A diferença é a de que o marido é quem morre, deixando a esposa livre para casar-se novamente, portanto, “[...] ao casar com Hareton, a jovem Catherine estará se casando com um membro da sua própria família [...] e completam a exclusão de Heathcliff, o ‘usurpador’” (WION, 2003, p. 376, tradução nossa).

No final do romance, Brontë cria um ambiente imaginariamente livre das formas de opressão contra as quais o romance protesta, ou seja, de raça, de classe e de gênero. Aliado a isso, nesta obra, percebe-se o eco do *slogan* da Revolução Francesa que simbolicamente representa a concepção de Brontë em relação a uma transformação social em favor das mulheres e dos povos de raça escura.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Nancy. Imperialist nostalgia and *Wuthering Heights*. In: PETERSON, Linda (ed). *Case studies in contemporary criticism: Emily Brontë, Wuthering Heights*. New York: Bedford/St. Martin's, 2003.

BOEHMER, Elleke. *Colonial & postcolonial literature*. New York: Oxford University Press, 2005.

BRONTË, Emily. *O morro dos ventos uivantes*. Trad. de Oscar Mendes. Porto Alegre: Abril, 1971.

DIAS, Daise Lilian Fonseca. *A subversão das relações coloniais em “O morro dos ventos uivantes”*: questões de gênero. 2011. 282f. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. *The madwoman in the attic: the woman writer and the Nineteenth-century literary imagination*. Boston: Yale University Press, 1984.

GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. *The Norton anthology of literature by women: the traditions*

LOOMBA, Ania. *Colonialism/postcolonialism*. Longon: Routledge, 1998.

PETERSON, Linda (ed). *Case studies in contemporary criticism*. Emily Brontë, *Wuthering Heights*. New York: Bedford/St. Martin's, 2003.

PYKETT, Lynn. Changing names: the two Catherines. In: PETERSON, Linda H. (ed). *Case studies in contemporary criticism*: Emily Brontë, *Wuthering Heights*. New York: Bedford/St. Martin's, 2003.

SAID, Edward W. *Culture and imperialism*. New York: Vintage Books, 1994.

WANDERLEY, Márcia Cavendish. *A voz embargada*. São Paulo: EDUSP, 1996.

WION, Philip K. "The absent mother in *Wuthering Heights*." In: PETERSON, Linda (ed). *Wuthering Heights: case studies in contemporary criticism*. New York: Bedfors/St. Martin's, 2003.